

Esta é a noite mais triste, porque me vou embora e não volto mais. Amanhã de manhã, quando a mulher com quem vivo há seis anos for de bicicleta para o trabalho, e os nossos filhos estiverem a jogar à bola no parque, porei algumas coisas num saco de viagem, sairei discretamente de casa na esperança de que ninguém me veja, e apanharei o metro para o apartamento de Victor. Aí, e por tempo indeterminado, dormirei no chão do quarto minúsculo que ele gentilmente me ofereceu, ao lado da cozinha. Todas as manhãs guardarei o pequeno colchão de solteiro no armário. Arrumarei o edredão bafiento numa caixa. Colocarei as almofadas novamente no sofá.

Não regressarei a esta vida. Não posso. Talvez devesse deixar um bilhete com essa informação: “Querida Susan, não volto mais...” Talvez fosse melhor telefonar amanhã à tarde. Ou fazer uma visita no fim de semana. Ainda não decidi os pormenores. Tenho quase a certeza de que não lhe direi as minhas intenções esta tarde ou esta noite. Prefiro adiar. Porquê? Porque as palavras são ações e fazem com que as coisas aconteçam. Uma vez ditas, já não podem ser retiradas. Algo de irrevogável terá sido feito, e estou assustado e indeciso. Aliás, estou a tremer, tenho estado a tremer a tarde toda, o dia todo.

Esta podia, pois, ser a nossa última noite como uma família inocente, ideal e completa; a minha última noite com uma

mulher que conheço há dez anos, uma mulher sobre a qual sei praticamente tudo, e com quem não quero mais nada. Em breve seremos como estranhos. Não, nunca poderemos ser isso. Magoar alguém é um ato de intimidade relutante. Seremos conhecidos perigosos com um passado comum. Aquela primeira vez em que ela pousou a mão no meu braço... quem me dera ter virado costas. Porque não o fiz? O desperdício; o desperdício de tempo e de sentimento. Ela disse algo de semelhante a propósito de mim. Mas estaremos a falar a sério? Sinto-me tão dividido em relação a todas estas perguntas.

Debruço-me sobre a banheira e observo os meus filhos, de cinco e três anos, um em cada ponta. Os seus brinquedos, animais de plástico e biberões flutuam, enquanto eles falam sozinhos ou um com o outro, por uma vez sem lutas nem queixumes, ao contrário do que é habitual. Mostram-se sempre efusivos e enérgicos, e as pessoas costumam dizer que são crianças particularmente felizes e carinhosas. Esta manhã, quando me preparava para sair, sabendo que tinha de decidir certas coisas na minha cabeça, o rapaz mais velho exigiu outro beijo antes de eu fechar a porta e declarou: “Papá, gosto de toda a gente.”

Amanhã farei algo que os vai ferir e marcar.

O rapaz mais novo estava vestido com calças de sarja, uma camisa cinzenta, suspensórios azuis e um capacete de polícia. Enquanto atiro tudo para o cesto da roupa suja, sobressalto-me com um som vindo de fora. Sustenho a respiração.

Já!

Ela traz a bicicleta para dentro de casa. Vai tirando as compras do cesto.

Ao longo dos meses, e sobretudo nos últimos dias, onde quer que estivesse — a trabalhar, a falar, a esperar pelo autocarro —, analisei esta rutura de todos os ângulos possíveis. Cheguei por vezes a deixar passar a minha estação de metro, ou dei comigo num sítio familiar que não conseguia reconhe-

cer. Nem sempre sei onde estou, o que pode ser uma experiência agradavelmente desafiante. Mas tenho sentido que estou a olhar para as coisas de pernas para o ar.

Tentei convencer-me de que abandonar alguém não é o pior que se lhe pode fazer. Pode até ser triste, mas não necessariamente uma tragédia. Se não abandonássemos nada nem ninguém, não haveria espaço para o novo. Claro que seguir com a nossa vida é uma infidelidade — para com os outros, para com o passado, para com as antigas representações de nós próprios. Talvez cada dia devesse incluir pelo menos uma infidelidade essencial ou uma traição necessária. Seria um ato otimista, esperançoso, que garantiria a nossa fé no futuro — uma afirmação de que as coisas podem ser não só diferentes, mas até melhores.

De modo que vou trocar Susan, os meus filhos, a minha casa, e o jardim cheio de marijuana e cerejeiras em flor que consigo ver da janela da casa de banho, por um lugar em casa de Victor, onde haverá correntes de ar e pó no chão.

Victor deixou a sua mulher há oito anos. Desde então — mesmo sem contar com a prostituta chinesa que tocava piano nua e trazia todos os pertences para os seus encontros — só teve relações infelizes. Quando o telefone toca, faz uma espécie de dança em pânico, imaginando que opróbrio poderá estar prestes a acontecer-lhe, e de onde virá. É que ele consegue dar esperança às mulheres, à falta de satisfação.

Achamos mais agradáveis os bares e os restaurantes. Devo dizer que, quando Victor não está sentado às escuras, com os olhos encovados e as pupilas dilatadas de incompreensão e raiva, pode ser afável, até divertido. Não se importa se estou calado ou mais falador. Está habituado à maneira como mudo de um assunto para o outro, seguindo os impulsos naturais da minha mente. Quando lhe pergunto porque é que a mulher ainda o odeia, ele conta-me. Tal como os meus filhos, gosto de uma boa história, sobretudo se já a ouvi antes. Quero sa-

ber todos os pormenores e o ambiente geral. Mas ele fala devagar, como muitos ingleses. Por vezes não sei ao certo se ele está apenas à espera da palavra seguinte ou se não vai dizer mais nada. Limito-me a encarar essas pausas como uma oportunidade para sonhar acordado. Mas será que quero monólogos e pausas, correntes de ar e bares todos os dias?

Susan acabou de entrar.

Diz: “Porque é que nunca fechas a porta da casa de banho?”

“O quê?”

“Porque é que não a fechas?”

Não consigo pensar numa razão.

Ela beija efusivamente os filhos. Adoro o seu entusiasmo com eles. Sempre que falamos a sério, é sobre eles, sobre algo que disseram ou fizeram, como se fossem uma paixão que mais ninguém pode partilhar ou compreender.

Susan não me toca, mas põe o rosto a poucos centímetros dos meus lábios, de modo que, para a beijar, tenho de me inclinar, o que é humilhante para ambos. Ela cheira a perfume e a rua.

Vai mudar de roupa e regressa de calças de ganga e camisola de algodão, com um copo de vinho para cada um de nós.

“Olá. Como é que estás?”

Olha-me fixamente, para me obrigar a reparar nela. Sinto o meu corpo a contrair-se e a encolher.

“Bem”, respondo.

Aceno com a cabeça e sorrio. Será que hoje ela vê algo de diferente no meu rosto? Já me terei denunciado? Devo parecer abatido. Normalmente, antes de a ver, preparo dois ou três temas possíveis, como se as nossas conversas fossem testes. É que ela já me acusou de nunca falar com ela. Se soubesse como me atrapalho por dentro. Hoje estive demasiado febril para ensaiar. A tarde foi particularmente difícil. E o silêncio, tal como a escuridão, pode ser agradável; é

também uma linguagem. Os casais têm bons motivos para não falarem.

Ela conta-me que os seus colegas de trabalho a desiludiram.

“Não estão à altura”, diz.

“A sério?”

As coisas têm sido difíceis para ela desde que a editora foi comprada. Mas, de qualquer modo, Susan é uma mulher de sentimentos fortes, tanto de aversão como de entusiasmo. Em geral, são de aversão. Os outros, inclusivamente eu, costumam irritá-la e frustrá-la. É perturbante o modo como sou obrigado a partilhar os seus sentimentos, embora não conheça essas pessoas. Enquanto ela fala, percebo por que razão é que deixo a porta da casa de banho aberta. Não consigo ficar muito tempo com ela na mesma divisão sem me parecer que tenho de fazer algo para que ela deixe de estar tão zangada. Mas nunca sei o quê, e rapidamente me sinto como se ela me estivesse a empurrar contra a parede e a espancar-me.

A água do banho dos rapazes vai escoando devagar, porque os seus brinquedos tapam o ralo. Eles não querem sair até a água ter desaparecido toda, e depois ficam sentados a fazerem bigodes e chapéus com a espuma que resta. Por fim tiro o mais novo. Susan ocupa-se do outro.

Embrulhamos ambos nas suas toalhas espessas com capuz. De cabelo húmido e gotas de água no pescoço, cansados e tudo, os rapazes parecem dois pugilistas em miniatura após um combate. Discutem sobre os pijamas que querem vestir. O mais novo quer à força usar uma T-shirt do Batman. Parece que com esta idade já se tornaram inseguros. Deve ser algo que herdaram de nós.

Susan dá ao mais novo um biberão, que ele leva à boca com as duas mãos, como se tocasse trompeta. Vejo-a a acariciar-lhe